A psicologia social do futebol*

FRITZ STEMME**

1. Introdução; 2. Regras para controlar a violência; 3. Futebol na sociedade industrializada; 4. Mudanças de valores através de competições por torneios; 5. Papéis individuais e trabalho de equipe; 6. A função social dos jogos de futebol; 7. Espectadores – uma sociedade sem classe?; 8. Futebol como árbitro; 9. Futebol como elemento estabilizador; 10. Futebol na América; 11. O papel da agressão; 12. Futebol como barômetro social; Futebol como instituição.

1. Introdução

É pouco provável que qualquer entusiasta de futebol, se vivo 100 anos atrás, pudesse jamais prever como se desenvolveria este esporte. Estariam tão sem rumo e orientação como algum dos filósofos e historiadores do século XIX que acreditassem poder detectar, na perspectiva de sua geração, as tendências subjacentes do mundo político atual. Futebol é hoje o esporte dominante no mundo, praticado por quase todas as culturas, povos e sociedades. Conseguiu tal reconhecimento global porque foi capaz de produzir um máximo de excitação com um mínimo de complicação, tanto para os jogadores como para os espectadores.

Somente os extremamente introvertidos monges do Tibete não se mexeram nem se esquentaram frente ao dinâmico e extrovertido jogo que é o futebol. O ensinamento do budismo ortodoxo e a técnica de meditação, elaborada para transcender o mundo, rejeitam um jogo de equipe que, com seu rápido e instantâneo sistema de mudança de comunicação, é simultaneamente forma de competição e cooperação. Mas, fora esta exceção, todos os países industrializados e em desenvolvimento abraçaram o futebol – fato surpreendente quando se considera a multiplicidade de conflitos e os problemas virtualmente insuperáveis que continuam a ocorrer entre as nações do mundo.

Até agora não há história social, realmente séria, escrita sobre o futebol, nem tampouco há "ciência" intensivamente aplicada em conexão com o jogo. Devemos, pois, primeiramente

* Artigo apresentado à redação em 15.10.79. Tradução do psicólogo Athayde Ribeiro da Silva.

** Da Universidade de Bremenn. (Endereço do autor: 2800 Bremenn 1 – Riensberger Str. 51 B, Bundesrepublik Deutschland.)

examinar certas suposições razoáveis na base do estudo de desenvolvimentos sociais e históricos nos últimos 100 anos. Estamos vendo que a existência do jogo tem dependido de uma série de fatos que correspondem à tendência do desenvolvimento histórico-social, tais como a introdução de regras para identificar a violência ou a satisfação de necessidades sociais surgidas nos albores da revolução industrial. Houve então um número de decisões do que pode ser apenas chamado proporções históricas, as quais transformaram completamente os valores do futebol.

Com a introdução do sistema de disputa de torneios, as regras tiveram suas finalidades orientadas para uso diferente. Futebol deixou de ser o campo restrito de universitários que adotaram o jogo como meio de formação de caráter. Evolveu, ao contrário, para uma luta pela sobrevivência na qual a vitória tornou-se, em última análise, a única coisa que importa. Mas, para consegui-la é necessário aplicar ao futebol certos aspectos da divisão social do trabalho, tais como individualismo e trabalho de equipe. Na verdade, a função social do futebol é comparável à do trabalho, mas também pode ser vista como uma espécie de drama social com valor simbólico para os espectadores, por representar conflitos que, de outro modo, seriam menos aparentes. Futebol é jogo para qualquer pessoa; é uma alegoria de vida e morte.

Todos os grupos que, sob a pressão psicológica da sociedade, precisam tomar decisões que afetam membros do grupo e o grupo como um todo, normalmente se bipartem, rompem, durante certo tempo, polarizando-se em facções "a favor" e "contra". É um padrão básico de comportamento repetidamente observável em situações contemporâneas, e refletido na conduta dos torcedores no estádio. Não é, portanto, injustificado dizer que os prélios futebolísticos têm função social, não apenas em sentido simbólico mas também como fator estabilizante. Isto é verdadeiro, sobretudo no problema de agressão, com o qual toda sociedade é confrontada. Futebol apareceria como barômetro para tensão social, na qual mesmo o mais insignificante índice de pressão pode indicar claramente a atmosfera predominante de uma sociedade. Certamente, tal não é o propósito do jogo; mas é um de seus aspectos sociológicos.

2. Regras para controlar a violência

Há 180 anos, o futebol era um jogo primitivo, rude, com ostensivos atos de violência conduzindo a ferimentos sérios para os praticantes. Cada jogador se julgava no direito de fazer o que quisesse, e, em muitos casos, o futebol nada mais era que a expressão de agressividade desinibida. Não é de surpreender que, sob tais circunstâncias, a sociedade condenasse o jogo como brutal e bárbaro, e – como muitas vezes aconteceu na Inglaterra – grupos de futebolistas foram comparados a hordas primitivas que simplesmente dizimavam o que encontravam em seus caminhos.

Por volta de 1850, o futebol, na Inglaterra, foi colocado sob controle através de seu primeiro quadro de regras. Isto estava em conformidade com as tendências da época, isto é, reduzir a brutalidade e a violência, não apenas no futebol, mas em todos os misteres da vida social. Agressão deveria ser canalizada a fim de tornar-se mais fácil seu controle, processo similar ao evidente em outras instituições. E, na verdade, deve-se reconhecer que tal procedimento representava um passo à frente, resultando em eterno benefício para o futebol.

Essas regras, forma de disciplina para acalmar os impulsos agressivos e não-controlados dos conflitos sociais, tinham de chegar ao futebol. Atendiam às seguintes exigências: 1) tinham que ser simples; 2) não deviam sufocar a vibração do jogo; 3) tinham de ser sempre inteiramente observadas.

O fato de que se tornou possível encontrar e reforçar tais regras representa êxito em satisfazer às necessidades do povo, mas também serve como modelo de significância política mesma. Futebol foi transformado de uma atividade dinâmica, na qual conflitos entre indivíduos ou grupos eram expressos através da violência e através da intenção de contundir outros, em uma disciplinada válvula para agressão e tensão grupais; esta transformação foi o desenvolvimento fundamental que permitiu o nascimento do futebol como hoje o conhecemos. Esta passagem de tensão agressiva a tensão controlada, sem que o jogo perdesse seu dinamismo, faz o futebol comparável ao desenvolvimento ocorrido dentro de muitas organizações e instituições européias, tal como o Mercado Comum Europeu. Assim, expressões abertas de violência, que não infreqüentemente tornam-se manifestas na guerra, são sublimadas em forma de agressão reprimida, sem recurso à violência. Há mais organização, mais autocontrole, mais segurança. Conflitos e tensões são regulados, mas não totalmente eliminados.

É característico das leis dinâmicas de muitas sociedades que os princípios sobre os quais são fundadas estão muitas vezes também refletidos nos esportes que têm a maior parte de seguidores entre os membros dessas sociedades.

3. Futebol na sociedade industrializada

O esporte moderno nasceu juntamente com o mesmo desenvolvimento social que resultou numa explosão revolucionária na capacidade de produção industrial e, finalmente, levou à emergência da sociedade industrial. As origens desse processo estão também na Inglaterra. Londres foi a primeira metrópole criada pela revolução industrial; e os novos princípios sociais da sociedade industrial – a pressão para maior produtividade, competição, oportunidades iguais, sucesso a qualquer custo – foram refletidos primeiro na atitude daqueles times da época que atuavam na Inglaterra (mais particularmente em Londres) não apenas pelo prazer de jogar – caso, durante muitos anos, dos vários times universitários ingleses – mas que jogavam para ganhar. Seria difícil superestimar o caminho no qual os valores do jogo mudaram nos anos entre 1875 e 1885. De 1860 a 1870, todos os jogos eram amistosos ("amigos"), e não havia "campeonato". Futebol, segundo o código de honra, deveria ser jogado num estilo de cavalheiros – e assim era. O conceito inglês do comportamento cavalheiresco foi característica do futebol por diversas décadas; os ideais de honestidade e espírito esportivo prevaleceram juntos com a aceitação de perder com honra e nunca reagir ou ostentar emoções exteriores. Conseqüentemente, um cavalheiro não estava necessariamente interessado em vencer. Bastava-lhe perder decentemente, e sua atitude significava que a derrota tornava-se socialmente muito mais aceitável. Assim, o futebol amadureceu de um rude acontecimento da primeira metade do século, e tornou-se jogo respeitável.

A estrutura social dos clubes naquela época era também clara e definida: o futebol era jogo da alta classe média. Era visto como forma de treino de caráter, e as escolas particulares da Inglaterra atraíam alunos e professores do mesmo escol. Os ex-alunos dessas escolas também dominavam os clubes de futebol, e eram eles quem estabeleciam o tom e os valores das atividades do clube.

A Comunidade Britânica também desempenhava papel relevante em levar o jogo aos outros pontos do globo. A Comunidade unia nações e grupos étnicos com as mais diversificadas composições básicas. O futebol rapidamente adotou o Império Britânico como espécie de infra-estrutura pronta para sua própria expansão mundial, e a Inglaterra exportou o jogo

através e para além dos mares e ao longo das rotas comerciais do mundo, com viajantes ingleses praticando o jogo por onde passavam.

4. Mudanças de valores através de competições por torneios

Mudança fundamental ocorreu, todavia, quando a Football Association pôs em competição um troféu que também poderia ser disputado pelos clubes profissionais. A atração de conquistar uma taça estimulou e atraiu os profissionais, levando-os a atuar com uma garra especial porque queriam a vitória a qualquer custo. As novas leis, introduzidas em 1862, mostraram seu valor. As chamadas Regras de Cambridge, muito engenhosas no modo como formularam o jogo quase uma década antes, deliberadamente evitaram estabelecer quaisquer valores ou motivos para o jogo. As regras eram, e ainda são, completamente indiferentes às motivações das equipes e dos jogadores... um deleite em exercício físico, talvez, proveito financeiro, necessidade de competir, companheirismo ou prestígio – todos os motivos imagináveis são legítimos aos olhos das Leis do Jogo, as quais meramente prescrevem as condições externas que devem ser preenchidas para o jogo ser jogado. Assim, os ingleses criadores das novas regras fizeram a ação do jogo completamente independente do elemento psicológico individual. Era o mesmo enfoque que está na base da democracia parlamentar. Por enquanto pode-se especular os motivos atrás do resultado de qualquer voto, os quais, em verdade, sempre permanecerão um mistério; através do sistema de votação secreta, o comportamento de votar – o qual, olhado de fora, parece possível registrar e controlar – torna-se o elemento constitutivo de uma tomada de decisão comunitária. Este simples fato torna possível a vários grupos e sociedades reconhecer e respeitar um conjunto de regras que não mais exercem qualquer influência na situação interna de diferentes agrupamentos sociais.

As Regras de Cambridge não julgavam motivos que, na base da opinião social, fossem importantes para o futebol. Destarte, o jogo conquistou o direito de fazer suas próprias regras; e aqueles que quisessem vencer tinham de se submeter às imposições das novas leis. Elas liberaram o jogo de idéias e motivos contemporâneos, e isto levou ao contexto mundial do jogo tal como existe hoje.

O comportamento dos jogadores não era mais ditado pela vontade do indivíduo apenas, mas antes pelos objetivos comuns, tal como o de fazer a bola atravessar a linha do gol; de repente isto deu ao jogo uma dimensão de autonomia similar às que podem ser notadas, na história de muitas outras instituições. Nas disputas de torneios, particularmente, logo tornou-se óbvio que por causa da liberação do jogo de ideais sociais, através da introdução de leis neutras, também tornava-se necessário desenvolver novo sistema de organização, a fim de obter-se a vitória.

5. Papéis individuais e trabalho de equipe

Todos os jogos organizados só podem evoluir se certos papéis individuais ficarem perceptíveis e, como tal, puderem ser tecidos num todo. No futebol cada jogador deve estar consciente de todas as séries de outros papéis que podem desempenhar, a fim de concluir que papel pode preencher melhor. E também deve estar consciente das reações de seus companheiros de equipe e dos oponentes.

Futebol é um jogo no qual todo movimento do jogador é determinado pelo que ele pensa que seus colegas farão. Assim, o futebol tornou-se um jogo no qual os outros jogadores são de grande importância, por causa de seu próprio papel na ação. Os outros jogadores devem ser identificáveis. Futebol prospera no fato de que um jogador pode sempre procurar, encontrar ou evitar outros jogadores, dentro de uma avaliação rápida de distância ou percepção visual.

Num mundo em que a economia e a indústria são orientadas no sentido de trabalho de equipe, esta "outra pessoa" adquire magna significância prática. Fica-se dependente desta "outra pessoa". O jogo de equipe irá ao colapso durante um prélio se seus jogadores falharem em compreender o que os outros jogadores estão fazendo; é um processo semelhante ao de uma sociedade, onde os paralelos devem ser encontrados na dissolução da família ou qualquer outra instituição. Fracasso em ter devido respeito pela função de outros é fenômeno de fundamental significância para toda sociedade. E assim cada sociedade está interessada em adaptar seus membros ao ambiente social.

Futebol é diferente deste processo social pela rapidez com que estes fenômenos tornam-se aparentes. Futebol, como modelo de cooperação comunitária, reafirma o princípio que está na base de toda instituição. Assim, o que deu ao futebol o papel social tão dominante, foi o modo pelo qual ele simboliza importantes princípios de comunicação social como espetáculo de massas, mantendo um espelho para essas massas. Um espelho que não pode ser encontrado em nenhum outro modo de vida.

6. A função social dos jogos de futebol

Os prélios de futebol são os últimos remanescentes dramas teatrais que empregam as clássicas unidades de tempo, espaço e ação. Durante séculos, esta convenção modelou a reação de público ao teatro, invariavelmente o drama no palco retratando o indivíduo emaranhado em eventos ditados pelo capricho dos deuses. A tragédia grega tinha efeito profundo porque a audiência via seu próprio destino e de sua sociedade representados diante de seus olhos.

Na forma original do drama grego, os atores tinham maior liberdade, e ficavam livres para interpretar seus papéis como desejassem, dentro de certos limites. Mais tarde é que os diferentes papéis foram definidos com mais detalhe. Os atores usavam máscaras, e eram identificados apenas pela aparência externa. Outro elemento do teatro é o coro, cuja função consiste em comentar o que se passa em cena e fazer pequenas insinuações sobre o que vai acontecer. O público grego ficava emocionado por este momento decisivo quando a incerteza criada pelos eventos representados se transformavam na certeza de sua ocorrência. Os espectadores eram, assim, testemunhas de um processo simultâneo de tensão e alívio.

É razoável comparar o futebol com os conflitos representados nesses dramas antigos, pois o futebol é em si mesmo um conflito cheio de incidentes dramáticos. Certamente, o jogo de futebol não exige respostas verbais dos espectadores; mas o resultado não é menor. Ao contrário. Futebol é um drama que pode ser compreendido por todos os homens e todas as sociedades, nada exigindo além do conhecimento das 17 Leis do Jogo. A velha e tradicional estrutura do drama desapareceu com o advento dos tempos modernos, e especialmente com o trabalho de Shakespeare. O drama já não estimulava a mesma reação do público para o qual foi escrito. O papel da peça foi paulatinamente usurpado por outras formas literárias, como a novela, cujo público é o indivíduo solitário. E o que o público dificilmente compreendeu foi que os dramas esportivos estavam ocupando o vazio criado.

Prélios de futebol são dramas de conflito tanto quanto as tragédias gregas com suas advertências contra a arrogância e a soberba. A mais popular mensagem dos gregos era a admoestação contra a fragilidade humana e o desejo de emular os deuses. Indubitavelmente, futebol, como forma de drama, cheio de excitantes incidentes e muitos entrechoques e conflitos, passageiros ou demorados entre atletas, pode alcançar e tocar todo o mundo, independentemente de classe, simplesmente porque sua atração é universal. E a ação do futebol encerra um efeito a mais do que o drama: a tensão do futebol também repousa no fato de que os torcedores – equivalente moderno do coro grego, mas que não somente comenta mas também se torna mais liricamente ligado com suas canções e cantos – são testemunhas de um conflito no qual a incerteza sobre o final agora se transformou na certeza de vitória ou de derrota. Mas, esse resultado permanece incerto até o último minuto do jogo.

7. Espectadores – uma sociedade sem classe?

O espetáculo dramático exerce, pois, influência psicológica sobre o público, conduzindo a comunidade unida por uma experiência comum; e muitos dos participantes dessa comunidade sentem que pertencem à primeira-verdadeira sociedade sem classe.

Os espectadores de futebol estão certamente num ambiente sem restrições ou convenções. O estádio de futebol age como denominador comum para todos os que, de outro modo, nunca teriam tal encontro – trabalhadores, burocratas, homens de negócio, ministros, presidentes, políticos, artesãos, fazendeiros, membros do sexo frágil, o rico, o pobre... todos permanecem ombro a ombro nos terraços do futebol. Pode dar a ilusão de uma sociedade dividida por nada mais do que a lealdade de seus membros a seus times.

No final da copa anual da Football Association, em Londres, a sociedade está composta de virtualmente apenas dois grupos; e os membros desses dois grupos podem ser facilmente identificados pelas cores do time que estão usando e pelo local que ocupam no estádio – cada ponto com os torcedores dos dois adversários.

A teoria de Karl Marx de que, na sociedade capitalista, as classes estão destinadas a tornarem-se mais popularizadas, não parece aplicar-se ao estádio de futebol.

E, contudo, os espectadores são muitas vezes testemunhas de uma espécie de luta de classe; às vezes as equipes em luta estão contendendo para manter seu *status* e para permanecerem vivas – vivas é o termo, dentro de certa categoria superior de jogo. A síndrome de promoção, fonte de tanta ansiedade para tantos membros da sociedade industrializada, é o que domina o espectador.

Do ponto de vista sociológico, a significação de qualquer evento se assenta na reação coletiva saída do público. Estamos ainda longe de entender completamente os complexos padrões de comportamento que tal evento pode estimular. Mas, é certo que, no futebol, cada prélio oferece oportunidade para uma análise de comportamento social. Em verdade tal não constitui um ponto específico do esporte, e seria impor uma taxa muito pesada se tivéssemos de analisar apenas suas implicações sociais. O fato é que toda uma série de símbolos sociais está incorporada no futebol, e esses símbolos ajudam o jogo a ampliar sua esfera de influência.

8. Futebol como árbitro

É fenômeno social que muitos grupos e pessoas ficam divididos entre si. Opiniões divergentes são claramente expressadas nas modernas democracias pela existência de governo e oposição,

e nos eventos esportivos os dois lados são representados pelos dois times. É a melhor maneira de canalizar as emoções humanas. Aos índios Choctaws, dos EUA, é atribuído o hábito de, sempre, ter dirigido seus impulsos hostis e rivalidades contra a outra metade de sua própria tribo. Para nós, todavia, o importante é que nos jogos também eles somente jogavam para o time representante de sua própria metade da tribo. Os jogos eram muito pesados e duravam até que os jogadores estivessem fisicamente exaustos, indo às vezes até sete horas ou mais. Pensou-se que tais eventos eram o cerimonial para maiores disputas, e que os jogos destinavam-se a estruturar os conflitos numa maneira socialmente tolerável. É mesmo verdade que disputas internacionais têm sido resolvidas através de jogos. Em 1790, os Choctaws e os índios Creeks resolveram suas diferenças desse modo. Uma vez os vitoriosos, os Choctaws reclamaram um lago de castor como troféu, e em outra ocasião os Creeks conquistaram um pedaço de terra, tudo resultante de uma espécie de jogo de futebol entre as duas tribos.

Os maiores acontecimentos do futebol hoje em dia são do domínio dos grandes clubes e das seleções nacionais. Enquanto as idéias nacionalistas de certo modo declinaram pelo curso da política internacional, os preconceitos nacionais e os conflitos internacionais estão reemergindo através do futebol. Geralmente, todavia, tudo o que permanece é uma espécie formal de antagonismo, que tende a estabilizar. A gravidade da origem do conflito é filtrada e esmaecida através da competição, e o prélio torna-se mais uma cerimônia.

Jogos de futebol servem para legítimas necessidades sociológicas que estão plenas de conflito. Normalmente essas necessidades ficam não somente sob controle, mas estão completamente suprimidas por esse mesmo controle. Porém, às vezes a situação pode agravar-se. As causas devem ser encontradas menos no futebol em si mesmo do que na situação social em geral, a qual pode ser expressa no futebol ou desencadeada por ele.

Muitas evidências indicam que um dia os conflitos que ainda nos afligem poderão ser levados aos estádios de futebol deste mundo, onde podem, formalmente, sobreviver para o resto da vida. Futebol às vezes torna-se uma espécie de religião secular. Talvez já estejamos testemunhando uma mudança social na qual o futebol adquire importância maior do que a desfrutada por qualquer esporte no passado.

9. Futebol como elemento estabilizador

Resultados de uma investigação publicados nos EUA prefiguram dois possíveis futuros desenvolvimentos. Ou a tensão política internacional persistirá, com o Estado, armamentos e indústria dominando todas as outras instituições como a educação, religião, arte, entretenimento e esporte; ou acontecerá que vários tipos de instituições de bem-estar e entretenimento prevalecerão. Há muitas indicações de que a segunda hipótese será a realidade. Isto significa que o futebol se expandirá mais através do mundo. Associações nacionais de futebol já se comportam num nível representativo reminiscente do modo pelo qual as nações se conduziam no século XIX.

Desfilam seus emblemas nacionais e símbolos a tal extensão que, para muitas pessoas, em países democráticos, é impossível distinguir entre as autoridades futebolísticas e as políticas. Muitos vêem sua seleção nacional como o time do Estado. Hinos nacionais são tocados nos finais de copa, jogos internacionais e campeonatos mundiais. Aqui também se pode ver como velhas estruturas, já tornadas controvertidas em termos políticos, são formalizadas e estabilizadas através do futebol, criando unidades comprimidas que servem para satisfazer às necessidades sociais que provavelmente ainda prevalecem. É especialmente o caso dos

países pertencentes ao chamado Terceiro Mundo. Tais países estão em estado de transição, sem tradições nacionais; para eles, os times de futebol, com os quais o povo pode identificar-se, são de grande importância – maior mesmo que para os países superindustrializados, onde prestígio e identificação são de menor importância. Para Tunísia, México, Zaire ou Coréia, sucesso no esporte é o meio mais rápido de obter reconhecimento e respeito internacional. Como Tschimpumpu Wa Tschimpumpu, ex-presidente da Sociedade de Jornalistas Africanos, disse certa vez: "O valor do esporte não pode ser superestimado em sua capacidade de integrar os povos de nosso próprio continente na espécie de moderna sociedade que desejamos e devemos criar." E há no mundo um país onde o futebol goza a mesma estima aos olhos de qualquer de suas instituições, estatal ou não: Brasil. A Igreja, o povo, o Governo, a imprensa, os vários grupos étnicos e classes sociais, todos concederam ao futebol uma força integradora que canaliza, caprichosa e potencialmente, impulsos violentos para uma nova instituição conhecida como Futebol.

10. Futebol na América

Os anos recentes mostraram que mesmo a mais desenvolvida sociedade industrial do mundo, os EUA, parece estar experimentando uma mudança em interesses esportivos que pode dar à versão de futebol europeu ou sul-americano boa chance de popularidade de massa naquela parte do mundo. Pode ser que as regras do futebol europeu – *soccer* para os norte-americanos – tenham maior futuro do que as que governam o chamado futebol americano, jogo cujo movimento e ação são continuamente pontuados por paradas e reinícios. Pode ser que o jovem povo da América esteja a caminho de associar, em dose elevada, o futebol americano com os métodos de treinamento empregados pelo Exército e pela Marinha dos EUA; se assim for, o *soccer* estará conquistando mais conversos através de sua elegância e fluência de seus movimentos. Mas, poucos sabem que, ao redor de 1860, a espécie de futebol que se praticava nos EUA era a mesma jogada na Europa. Na verdade, a versão européia teria reinado suprema desde então, não fosse o veto imposto pela mais prestigiosa de todas as universidades: Harvard. Em 1871, esta universidade começou a praticar um novo e agressivo jogo que se caracterizava por extraordinária semelhança com o *rugby*. Então, em 1873, quando outras universidades como Princeton, Columbia e Yale introduziram um conjunto de regras similar às elaboradas pela Football Association de Londres, 11 anos antes, Harvard não aderiu. Ao contrário, esta universidade começou a procurar adversários que estivessem prontos para participar do mesmo jogo. E tal foi o sucesso de Harvard no esporte por ela inventado que se sentiu encorajada a prosseguir seu caminho solitário. Era o nascimento do moderno jogo profissional denominado futebol americano, praticado apenas nos EUA.

Este episódio também serve para mostrar a grande contribuição que padrões sociais e estatura gozados por uma instituição esportiva podem fazer para dar popularidade a um esporte. Ao mesmo tempo, todavia, o esporte também tem de obter o apoio de outras manifestações sociais contemporâneas.

11. O papel da agressão

Quando nações estão em guerra, não tomam parte em campeonato mundial. E uma nação engajada numa guerra mundial não organiza um campeonato nacional de futebol.

Há muito se presumiu que há conexões nesses assuntos, mesmo que indiretos. Os jogos olímpicos, na Grécia antiga, e as batalhas de gladiadores na Roma imperial tinham a mesma função que os jogos de futebol hoje. Em termos sócio-psicológicos, serviam para derivar a agressão e a vontade de dominar, desviando aqueles impulsos para canais competitivos e controlando-os mediante o embate de lutadores igualmente dotados. Não sabemos de qualquer sociedade no qual este princípio não tenha sido praticado de uma forma ou de outra.

O que é diferente na sociedade atual é a precisão quase militar exigida na organização de prélios de futebol, com o suporte de uma estrutura competitiva relativamente inflexível. Desde que as sociedades modernas desenvolveram uma escola de psicologia pela qual tentam interpretar os fenômenos de sua própria dinâmica social, também declararam o futebol a oportunidade que se oferece para descarga e desafogo num recinto de agressão.

Esta teoria significa que a necessidade de agredir se acumula até atingir certo ponto em que precisa explodir. E esta erupção ocorre muitas vezes em partidas de futebol, dando a tais eventos função de higiene social. Assim, o futebol torna-se para muitos um meio de enfrentar a agressão. Ademais, os jogos de futebol apresentam uma infinidade de possibilidades para identificação de personalidade e a projeção de características pessoais, isto é, facilita a satisfação de necessidades emocionais.

Mas, precisamente aqui entra o outro lado do argumento: há os que sustentam ter o futebol o efeito de aumentar consideravelmente o nível de agressão dentro da sociedade. Todos os que são desviados de um curso de ação desejada são incapazes de executar o que planejaram, tornando-se obviamente frustrados; a agressão é então a expressão lógica da conseqüente frustração.

Os líderes da sociedade quase sempre subscreveram a primeira destas duas teorias, e deram sua bênção ao futebol. Dizem que o futebol oferece a oportunidade de as pessoas despenderem as energias que, de outro modo, empregariam em fins destrutivos. Melhor será utilizá-las num jogo competitivo em conformidade com certas regras preestabelecidas. Indivíduos e todos os grupos podem acertar suas rivalidades e conflitos em horários combinados, em grandes e apropriados estádios, sem fazer qualquer mal ou dano sério. Em contraposição, o futebol tem sido rejeitado pelos críticos da sociedade e que desejam mudar o sistema — vêem o futebol como fator estabilizador das condições sociais existentes, atuando como uma espécie de pára-raios para baixar o descontentamento social e, depois, eliminá-lo. Na verdade, muitos são os prélios de futebol onde as autoridades falham em manter grande parte da multidão sob seguro e efetivo controle.

Todos os eventos esportivos, teoricamente, correm o risco de se tornarem motins, por causa das variadas tensões sociais e econômicas que inevitavelmente existem dentro da sociedade. O futebol transcorre no ambiente emocional que os espectadores experimentam diante do embate. Mas essas emoções são muitas vezes contaminadas por outros que nada têm a ver com o futebol como tal. Durante anos, as pessoas têm compreendido que futebol pode criar tensão tão rapidamente como eliminá-la.

12. Futebol como barômetro social

Há muito que o futebol é barômetro social, registrando as tensões e conflitos existentes na sociedade e entre sociedades. Mas ele é apenas o instrumento para medir essa pressão, não para criá-la. Por suposição, deve haver dúvidas se o público realmente retira suficiente satisfação de seu envolvimento em jogos de futebol agressivos. A função de válvula escapatória de

tais acontecimentos de massa torna-se questionável quando um dificilmente tolerável padrão de comportamento ultrapassa os limites permissíveis e a situação pode não mais ficar sob controle.

Há uma especial forma de motim que ocorre em eventos esportivos. A identificação dos torcedores com seu time pode ser muito instável, podendo a alegria transformar-se rapidamente em desespero, liberando novas forças entre os espectadores, as quais apenas o jogo pode suprimir.

Um estudo antropológico de uma aldeia central do País de Gales mostrou a verdadeira extensão das rivalidades sociais que uma equipe de futebol pôde provocar entre os moradores, por causa da enorme influência que poderia ter no prestígio da aldeia. A administração, seleção e condição financeira de um time são fatores tão vitais na formação de subgrupos na vida da aldeia, como são no futebol em seu mais alto nível.

Na Inglaterra, não houve sossego até que se pôde compreender bem as circunstâncias que muitas vezes levaram os jovens a comportar-se furiosamente nos jogos de futebol. Tais incidentes não ocorriam antes da II Guerra Mundial, a não ser explosões ocasionais de rivalidades mesquinhas. Hoje é aceito que a oportunidade para times entrarem em competições européias tornou a vitória mais tentadora e a derrota cada vez mais dolorosa.

A ciência social já sabia, em 1895, que atos irracionais de violência eram quase sempre conseqüência de falha da sociedade em adaptar todos os seus membros adequadamente ao meio social. Mas, a não-conformidade de alguns indivíduos sempre forçou a sociedade a enfrentar o problema dos padrões próprios que deveria adotar. Portanto uma sociedade industrial moderna, sujeita como está a vasta cadeia de conflitos, não pode jamais regular a escalada de violência entre os torcedores jovens de um time, fora do campo.

13. Futebol como instituição

Os anos recentes viram o futebol ser comparado, em sua organização mundial, às Nações Unidas. Há elevada justificação para tal comparação. Futebol, tal como a política mundial, precisa ser institucionalizado a fim de realizar sua proposta. Ao futebol, por um lado, cabe a promoção de relações amistosas insinuadas pelo jogo, enquanto às Nações Unidas, por seu lado, concerne a garantia da paz mundial. Ambas instituições têm mais ou menos o mesmo número de estados-membros, e ambas podem reclamar viverem para seus deveres internacionais.

Futebol tornou-se um poder mundial, exemplar em muitos aspectos. Está baseado em princípios, regulamentos e estatutos válidos para todos os que praticam o jogo, são universalmente respeitados e ajudam a unir os povos do mundo. Quaisquer transgressões das leis ou quaisquer atos de violência são tratados drástica e efetivamente. O futebol permite muitas sociedades e sistemas sociais encontrarem-se amigavelmente em campo; o jogo contém alto nível de espírito comunitário e de comunicação. Tem um longo poder comunicativo social, tanto a nível nacional quanto internacional. É uma instituição universal que desconhece fronteiras sociais e políticas, e atingiu esta posição privilegiada porque as condições intelectuais, culturais e sociais – variadas como são – estavam a seu favor. Nenhuma outra instituição foi mais rápida que o futebol em quebrar as barreiras entre classes e os estratos sociais, entre nações e sistemas sociais. Adquiriu função sócio-psicológica e histórica socialmente tão altamente desenvolvida que o processo não mais pode ser revertido. Futebol está integrado na sociedade através de todo o mundo. Futebol é parte da sociedade.